

Desamparo e Eros na concepção do “homem civilizado” em Freud

Helplessness and Eros in Freud's
Conception of “Civilized Man”

Carlos Eduardo de Moura

Pós-Doutorando

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo [USP]/FAPESP

RESUMO

Considerando-se que a oposição entre Eu-não Eu, Sujeito-Objeto, Prazer-Desprazer são os pares de opostos (*tensão*) que lançam o indivíduo nos mais significativos vínculos para a estruturação de sua vida anímica, deseja-se aqui pensar em uma “organização psicofisiológica” que vai desde (sob o pano de fundo da experiência do *desamparo*) os estímulos pulsionais aos destinos das pulsões (de modo que a constituição do mundo real não se torne uma mera abstração). É nesse “circuito de investimentos” que a natureza biológica desse pulsional transbordará — eis o que se procurará defender — para um universo simbólico instanciado pela presença de outros seres humanos. Por fim, defender-se-á que é no cerne da dinâmica das moções pulsionais que o *individual* encontrar-se-á vinculado (fatalmente) aos enigmas das “psiques de massa”: trata-se da relação entre *necessidade e satisfação* (indivíduo biológico) e as *exigências da comunidade* (cultura, tempo socializado).

PALAVRAS-CHAVE

Pulsão; Interno-externo;
Estado de desamparo;
Exigências da cultura.

ABSTRACT

Considering that the opposition between I-not I, Subject-Object, Pleasure-Unpleasure are the pairs of opposites (tension) that throw the individual into the most significant bonds for structuring his/her soul life, the aim here is to think about a “psychophysiological organization” that ranges from (against the backdrop of the experience of helplessness) the drive stimuli to the drive destiny (so that the constitution of the real world does not become a mere abstraction). It is in this “investment circuit” that the biological nature of this drive will overflow — that is what will be sought to defend — to a symbolic universe instantiated by the presence of other human beings. Finally, it will be argued that it is at the core dynamics of the drive motions that the individual will find him/herself (fatally) connected to the enigmas of the “mass psyches”: i.e. the relationship between need and satisfaction (biological individual) and the demands of the community (culture, socialized time).

KEY WORDS

Drive; Internal-External;
State of Helplessness;
Culture Demands.

1. Desamparo e inserção (ação) na realidade objetiva

Pretende-se aqui pensar, com Freud, algumas formas de constituição do Mundo objetivo (Mundo externo) em relação com a estruturação do aparelho psíquico (Mundo interno) e isso sob a perspectiva (*quantitativa*) de um *real* (“massa em movimento”) que, alterado pelo fenômeno humano (projeção de percepções internas, percepções sensoriais, processos de sentimentos e de pensamentos projetados para fora, linguagem abstrata de pensamento, moções de desejo, consciência moral, pulsões sexuais e sociais, repressão), configura-se *qualitativamente* (Mundo ordenado e organizado, Mundo Cultural, Mundo Social). “Toda história da cultura não faz senão mostrar os caminhos que os seres humanos empreenderam para a ligação [*Bindung*] de seus desejos insatisfeitos, sob as condições cambiantes, e alteradas pelo progresso técnico, de concessão e frustração pela realidade” (Freud, 1913, p. 188). Trata-se de compreender a *tensão* “Mundo interno-Mundo externo” como uma relação de exterioridade e, ao mesmo tempo, como relação de interioridade.¹

Parte-se do pressuposto de que a vida psíquica brota do par de opostos “Realidade objetiva-Realização de desejo”², o que torna possível pensar — juntamente com Freud — essa “intuição científica e naturalista” da realidade objetiva para problematizar a relação sujeito-objeto³ na constituição, não só do Mundo como *Mundo vivenciado*, mas da própria possibilidade do fenômeno “humano, demasiado humano”: a *realidade psiquizada* (representada, significada, simbolizada, valorada, dotada de forte carga afetiva, investida de libido, enfim, uma *realidade humanizada*). Assim sendo, a psicanálise procurará mostrar como deve se apresentar para nós o mundo, em consequência da particularidade de nossa organização *psicofisiológica*: é preciso considerar nosso aparelho psíquico perceptivo para que o problema da constituição do mundo não se torne uma abstração vazia e sem interesse prático.⁴

Esse aparelho psíquico perceptivo, à medida que também é compreendido como *massa pulsional*, manifestar-se-á no jogo de forças entre “fontes endossomáticas de estímulos” (impacto, pressão, força constante, demanda, necessidade impreterível) e “metas” (exigência de trabalho imposta ao anímico, por sua relação com o corporal, visando à satisfação): a *pulsão* dar-se-á como “um conceito *fronteiriço* entre o anímico e o somático” (*id.*, 1915b, p. 117 [o grifo é meu]). É nesse mecanismo que o *quantitativo* (carga energética, afluxo de excitação, pressão interna — de início, indeterminados) será *inscrito* em

1 Cf. Avenburg, 1975, p. 10.

2 Cf. Freud, 1899, p. 320.

3 “No mundo externo não há qualidades, apenas massas em movimento que se embatem continuamente. As qualidades não estão nas coisas, não são propriedades inerentes às coisas, são propriedades que atribuímos às coisas em função de certos efeitos que elas causam sobre nós.” (Gabbi Jr., 2003, p. 43 [Nota 55]).

4 Cf. Freud, 1927, pp. 54-55.

5 O conceito de *pulsão* [*Trieb*] não poderia ser *naturalizado*, pender para o “lado biológico-corporal” ou para o “psíquico-corporal”, já que “Freud não pretendeu naturalizá-lo em qualquer território previamente definido, mas antes preservar sua característica seminal *fronteiriça*” (Tavares, 2015, p. 77).

um *destino psíquico* (portanto, qualitativo, seja um objeto do mundo ou uma parte do próprio corpo) sob a perspectiva de “dois pontos de vista: o da força [discurso do energético] e o do sentido [discurso do sentido]” (Ricoeur, 1977, p. 105). Em outros termos, pela experiência do *desamparo*, o indivíduo se vê obrigado a abandonar “o estado narcisista primordial” para satisfazer as suas necessidades impreteríveis pela “intervenção exterior”.

Ainda que o estímulo pulsional não provenha da realidade externa, mas do interior do organismo, ele traz um modo específico de atuar sobre o anímico e, do mesmo modo, requisita determinadas ações (motoras, psíquicas) para o *vivenciar* da satisfação (um “parcial e momentâneo apaziguamento”⁶, já que a pulsão é uma “força constante”). Há que se ressaltar aqui a relação sujeito-objeto: a pessoa a quem se origina a pulsão e o objeto no qual ela se destina. Está dado o caminho para se resgatar a relação entre o “Mundo interno” e o “Mundo externo” à luz da experiência do “Desamparo” para a estruturação, constituição e condição da vida psíquica:

O estado narcísico primordial [narcisismo, satisfação autoerótica] não poderia tomar essa evolução se todo indivíduo não conhecesse um período de *desamparo e cuidados*, durante o qual suas necessidades prementes são satisfeitas por intervenção exterior [relações do Eu com o objeto], e com isso freadas na evolução. (Freud, 1915b, p. 129)

A realidade objetiva, portanto, é investida de *interesse* como possibilidade (incerta) de proporcionar *satisfação* (o Eu com suas fontes de prazer; o Eu com suas fontes de desprazer, as relações do Eu com o objeto, as pulsões e suas representações e o mecanismo de introjeção-projeção).

A vivência do *desamparo* é da própria natureza da experiência do organismo como um ser de *necessidade* (portanto, como *falta*) e isso na medida em que se vivencia a *ausência de satisfação* (daí o pulsional no limiar entre o somático e o psíquico). É nesse contexto que a manifestação patológica revela uma *negatividade* que afeta e estrutura a vida psíquica. *Desamparo* e *mobilidade pulsional* encontrar-se-ão na base da estruturação do aparelho anímico: “o movimento do pulsional se refere duplamente ao que é necessário para a continuação de minha existência e do meu vínculo com o outro semelhante que, antes mesmo de tornar objeto de desejo, era condição de minha sobrevivência” (Green, 2010, p. 60).

Deste modo, a manifestação de uma neurose estruturar-se-á na qualidade de um esboço de solução à experiência da *falta* (do desprazer *versus* satisfação) enquanto “negação da negação”. Nas palavras de André Green, não se trata apenas de atenuar a falta, mas de compreender que essa *negatividade* (do mecanismo do sintoma) representa a própria estrutura bifacial do sintoma: desejo e *defesa*, desejo e *satisfação*.⁷ Trata-se, ao mesmo tempo, de um esforço, de uma ação do enfermo para “positivar” essa falta, esse algo

6 Cf. Tavares, 2015, p. 67 [nota 10].

7 Cf. Green, 2010, pp. 70-71.

que lhe foi negado. O ataque histérico, nesse sentido, pode ser compreendido, não mais como uma simples “descarga”, mas como “uma *ação*”. Na “Carta 52”, escreve Freud: “O ataque histérico não é uma descarga, senão uma *ação*, e conserva o caráter originário de toda ação: ser um meio para a reprodução de prazer” (Freud, 1896a, p. 280). Do mesmo modo, no *Manuscrito N*, Freud nos dirá que “o sintoma, como no sonho, é uma *realização de desejo*” (Freud, 1897, p. 298).

Mas o Desamparo também se coloca aqui no contexto da relação do sujeito (desejante) que se lança a um objeto como possibilidade de supressão da negação, todavia, por um objeto que é incontrolável, contingente, aleatório, incerto e inconstante, de maneira que (inevitavelmente) “A representação do objeto assegura certa presença [organização] intrapsíquica reguladora ou desorganizadora” (Green, 2010, p. 78). Há, por consequência, a formação de um Eu que age de determinada forma frente às demandas pulsionais, não só enquanto organização interna mas também como ação (atividade) voltada para “fora”. A pulsão, nesse aspecto, é carga energética e fator de motricidade, é “força biológica”, é fator *quantitativo* a indicar a direção de uma atividade — convertendo-se em *qualitativo*.

Há o registro de uma pulsação interior da matéria que, ao atuar sobre a psique⁸, adquire significatividade, valor, indicando a direção de uma atividade, ou melhor, indicando um *movimento da psique* que cobrará a *forma de um desejo*. Sob o imperativo das necessidades orgânicas, esse *movimento* desvelará os “limites” da interioridade desse organismo pela experiência da não-satisfação. A massa pulsional (o *corpo* na qualidade de organização somática e psíquica) é colocada em movimento (autoposição, relação de ação consigo mesmo): nesse campo (movimento), o sujeito é colocado em *choque* com o real. É pela pulsão não-satisfeita que o *corpo* é forçado (pela própria pulsão) a ir além de si mesmo, isto é, forçado a ir além de si mesmo por aquilo pelo qual a “moção pulsional” [*Triebregung*] poderá alcançar pela descarga de satisfação (enquanto *meta*).⁹

A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante (Lacan, 2008, p. 163).

Fala-se, portanto, de uma “força biológica” que “não pode ser confundida com necessidade natural, como definida pela biologia” (Perez, 2015, p. 45). A pulsão é de “natureza biológica”, mas vai além dela, uma vez que exige do sistema nervoso atividades (tendendo a um *fim*) e ações pelas quais a “massa pulsional” se insere na realidade objetiva para

8 Daí a pulsão, como se verá, enquanto um representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam o aparelho anímico.

9 Para um estudo mais aprofundado em torno dessas reflexões sobre a noção de *Trieb*, consultar o *Capítulo 4* (“O Aparelho Psíquico no jogo da causalidade eficiente”) do volume de apresentação das Obras Completas de Freud traduzidas pela Amorrortu (Freud, 1992, pp. 44-67).

modificá-la à luz da vivência de satisfação — sujeita ao princípio de prazer. Mas um novo imperativo se impõe ao aparelho psíquico: “Representar as circunstâncias reais do mundo exterior e procurar as transformações reais do mesmo” (Avenburg, 1975, p. 33). Ora, como o próprio Freud atesta, foram as pulsões que possibilitaram os progressos e o desenvolvimento do sistema nervoso — com a sua infundável capacidade de realização.¹⁰

2. A dinâmica pulsional e o transbordamento da individualidade

É na própria *dinâmica pulsional* — da pulsão enquanto “conceito fronteiro”¹¹ e “moção” (movimento), da pulsão enquanto realidade psíquica — que os limites de uma estrita individualidade são rompidos, sobretudo ao se pensar esse *dinamismo* como uma parcela de atividade sob o imperativo da satisfação (ainda que na qualidade de um “parcial apaziguamento” de sua força). A *meta* final (a satisfação) é válida para todas as pulsões (ela permanece inalterada), mas é singularizada pelos múltiplos *caminhos* que podem conduzir à satisfação.¹² Eis o que se quer ressaltar aqui: esses “caminhos” levam ao objeto, à exterioridade, à presença (ou à ausência) do outro em busca da vivência de prazer. Trata-se de um movimento pulsional, sob os efeitos da *falta*, a estruturar (via relação Mundo interno-Mundo externo) traços mnêmicos do aparelho psíquico (bem como o modo de inserção do corporal na realidade).

É justamente pelo movimento

Vivência de satisfação — traço dessa vivência — pausa — ressurgimento da necessidade — reinvestimento dos traços da vivência de satisfação (desejo) — realização alucinatória do desejo — fracasso dessa realização alucinatória — sinais de desamparo — retorno do objeto que proporcionou a satisfação e nova vivência de satisfação (Green, 2010, p. 70)

que projeção, introjeção, desamparo, satisfação, interno, externo possibilitam compreender o dinamismo (a busca do objeto por traços mnêmicos) pelo qual o aparelho psíquico se realiza e se exterioriza. Trata-se, portanto, de uma estrutura psíquica que pode ser modificada, enriquecida, deformada, reorganizada e é nesse *circuito* que se pode reconhecer o papel da alteridade na constituição do sujeito, ou ainda, reconhecer a função do simbólico na experiência de satisfação.

10 Cf. Freud, 1915b, p. 116.

11 “Se agora, desde o aspecto biológico, passamos à consideração da vida anímica, a ‘pulsão’ nos aparece como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como um representante psíquico dos estímulos oriundos do corpo que alcançam a alma, como uma medida de exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal” (*Ibid.*, p. 117).

12 No que diz respeito à sexualidade humana, por exemplo, a pulsão não poderá ser reduzida a uma meta, a um objeto específico e nem mesmo ao funcionamento do aparelho genital. Freud “Mostra, pelo contrário, como o objeto é variável, contingente, e como só é escolhido sob a sua forma definitiva em função das vicissitudes da história do sujeito” (Laplanche e Pontalis, 1998, p. 395).

O exemplo mais tradicional a esse respeito é o do bebê desamparado (no sentido de *Hilflosigkeit*). Faminto, a pulsão (fronteira entre anímico e somático) *pressiona* o organismo a buscar um caminho que possibilite a descarga dessa tensão psíquica. Sob essa *força* interna e mediante alteração interna (expressão de emoções, choro, inervações motoras — ainda que incapazes de solucionar essa *tensão*), é gerada uma nova exigência que se impõe ao organismo do lactente: é preciso realizar uma alteração no mundo exterior (cuja meta é encontrar o alimento). Incapaz de levar a cabo essa ação específica, a superação do estado de desamparo (no que diz respeito à nutrição) dar-se-á por *auxílio externo* que, dentro desse circuito falta-satisfação, também se manifestará como *fonte de comunicação* e como *fonte primordial de todos os motivos morais*.¹³ Eis aí o movimento da vivência de satisfação que, como afirma Freud no *Projeto*, tem as mais profundas consequências para o desenvolvimento das funções do indivíduo.

Nesse *circuito*, é estabelecida uma relação entre dois seres humanos (a subjetividade em formação do bebê e a subjetividade formadora do cuidador) à luz de uma demanda que parte das exigências orgânicas mais básicas à manutenção da vida (fome, sede) para mergulhar toda essa estrutura psicofisiológica nas exigências de um vínculo de comunicação, de decifração, de acolhimento (sempre sob o fundamento da necessidade-satisfação). Assim, “O que era apenas descarga de tensão pela via motora ganha sentido e é introduzido como uma mensagem do universo simbólico instanciado pela presença de outros humanos ao seu redor” (Bezerra Jr., 2013, p. 136).

Outro termo que pode oferecer um caminho para se pensar nesse “transbordamento” da individualidade encontra-se na própria ideia de *objeto*, isto é, naquilo pelo qual a pulsão pode alcançar a sua *meta*. Não se trata de um vínculo originalmente determinado, mas de um movimento que se estrutura pela capacidade do objeto investido de tornar possível a satisfação (o *destino* pulsional não é naturalmente preestabelecido): “está articulada a noção de que não existe harmonia preestabelecida entre objeto e a tendência” (Lacan, 1995, p. 60). O que nos interessa ressaltar aqui está no fato de que a relação sujeito-objeto, no circuito do entrecruzamento pulsional (do objeto que pode simultaneamente servir para a satisfação — apaziguamento — de diferentes pulsões), segue uma base de sustentação fundamental ao circuito: “no mundo humano, a estrutura como ponto de partida da organização objetual é a falta de objeto” (*ibid.*, p. 55).

Mas não se trata apenas de pensar em objetos necessariamente *materiais*, pois a organização objetual pode estar relacionada a uma *representação* coletiva, a uma “psique de massa” (raça, classe, grupo familiar, comunidade religiosa, Estado, Igreja, etc.) — a dinâmica pulsional se insere no contexto das relações sociais, ou melhor, no con-

13 Cf. Freud, 1895, pp. 362-364. Essa *moralidade* primeira poderia manifestar-se, pensando-se no que diz Lacan, “na medida em que se estabelece uma perfeita reciprocidade entre o que a criança exige da mãe e o que a mãe exige da criança, uma perfeita complementariedade dos polos da necessidade” (Lacan, 1995, p. 63). A moral, portanto, aparece no próprio circuito (destino) das pulsões ao compreendê-las que, como se verá, em si mesmas não são nem boas e nem más: será em suas exteriorizações, no campo das relações humanas (*reciprocidade*), que adquirirão a qualidade de *valores*.

texto da institucionalização da economia pulsional e das possibilidades de gozo (satisfações, ganhos, benefícios, aquisições). É no “destino vivido pela pulsão” (seja através da dissolução da ligação ao objeto, seja por sua *fixação*, *sublimação* ou *deslocamento*) que a vida anímica do indivíduo encontrar-se-á relacionada aos enigmas da vida das *massas humanas* — sobretudo quando se pensa nas consequências das exigências da regulação da vida social para a economia pulsional da vida humana.

Está dada a relação entre a *necessidade* pulsional e sua exteriorização à luz da comunidade civilizada: “Em si, [nos diz Freud] as moções pulsionais não são nem boas nem más. Nós as classificamos dessa forma, a elas e a suas manifestações, conforme sua relação com as necessidades e exigências da comunidade humana” (Freud, 1915a, p. 283). Fala-se, portanto, de formações reativas a determinadas pulsões que, inseridas no ciclo de representações culturais, as “vicissitudes pulsionais” (inibidas, desviadas, sublimadas, recalçadas) constituirão aquilo o que se chamará de “caráter de uma pessoa”. Há, por consequência, na estruturação dessas *vicissitudes*, a permanente *tensão* entre dois componentes desse caráter: 1º a “presença” de um mundo interno (preexistência de fortes pulsões: tendências egoístas, elementos ambivalentes, por exemplo) e 2º a transformação de pulsões no contexto social (através da coação exercida pela educação, pelas demandas de um ambiente aculturado).

A ideia de *tensão* que se coloca aqui pode ser compreendida como um fenômeno que acontece no decorrer de uma vida individual e isso na medida em que “se produz uma transposição contínua de coação externa em coação interna. [...] Desse modo, o indivíduo não recebe só a influência de seu meio cultural do presente; está submetido também às influências da história cultural de seus antepassados” (*ibid.*, p. 284).¹⁴ A “força pulsional” (coação interna) se insere no encadeamento dos fenômenos sociais (coação externa) e é nessa (inevitável) inserção que dois grupos de pulsões primordiais são necessários para a compreensão das afecções neuróticas: o *conflito* entre as exigências das *pulsões sexuais* e as exigências das *pulsões do Eu* (ou *autopreservação*). Sendo as pulsões sexuais numerosas, emergindo de múltiplas fontes orgânicas e agindo de forma independente umas das outras, o que se deve colocar em questão aqui — pensando-se na formação do *sintoma* — é o próprio conceito de sexualidade.¹⁵

Considerando-se que “vergonha e moralidade são forças repressoras [escrupulosidade da consciência moral, a moral como poder repressor]” (Freud, 1896b, pp. 260, 262, 266) e que as “configurações *funcionais* relativas à vida sexual desempenham um grande papel

14 Como afirma Freud, na História da Humanidade, originalmente, a coação interna era apenas uma coação externa.

15 “Junto a sua fundamental dependência da investigação psicanalítica, tenho que destacar, como traço deste meu trabalho, sua deliberada independência a respeito da investigação biológica.” (Freud, 1905, p. 119) Nesse estudo, Freud não pretendeu reduzir suas investigações sobre o conceito (condutas, função) de sexualidade à genitalidade, mas voltou-se a investigações e verificações do campo da psicanálise, isto é, ao campo do inconsciente, da repressão, do conflito patógeno e dos mecanismos de formação do sintoma. “Três ensaios” é uma obra que insiste “na importância da vida sexual para todas as atividades humanas e seu intento de ampliar o conceito de sexualidade” (*ibid.*, p. 121).

na etiologia das histerias (assim como de *todas* as outras neuroses) e isso por causa da elevada significatividade psíquica dessa função” (*id.*, 1888, p. 56), o circuito das pulsões sexuais e das pulsões do Eu se tornam problematizáveis ao colocá-las sob o império de uma “moral sexual cultural”, ou melhor, ao inserir o vivenciar da sexualidade sob o influxo nocivo das sufocações provocadas pela normatividade dessa vida sexual cultural: “nossa cultura se edifica sobre a sufocação de pulsões” (*id.*, 1908, p. 169). Está lançada a base necessária à vida cultural, ao “homem civilizado”, mas também está lançada a base para os fatores estruturantes (etiológicos) para o adoecimento.

As manifestações das pulsões sexuais, no âmbito social, adquirem o “valor cultural” de uma “sexualidade normatizada”, de uma sexualidade exigida pela cultura vigente (de normalidade-anormalidade, de perversão, do primado dos genitais ao serviço da reprodução, etc.): de um lado, os “portadores das exigências culturais”, de outro, os que dela se excluem — perde-se, com isso, o caráter complexo e composto da pulsão sexual. Desse modo — e na perspectiva da tensão interno-externo —, “é preciso alinhar a repressão sexual, na qualidade de fator interno, junto com os fatores externos” (*id.*, 1905, p. 155). O problema é que, diante das exigências no campo das “psiques de massa” (modelos culturais, morais, étnicos, religiosos, raciais), não se leva em consideração que “A intensidade originária da pulsão sexual [organização congênita] é provavelmente de diversa magnitude nos diferentes indivíduos; enquanto que a quantidade apta para a sublimação, sem dúvida é variável” (*id.*, 1908, p. 168).

Disposição e acaso, recusando uma oposição e afirmando uma regular colaboração entre ambas, colocam-se como dois *poderes* a regular (individualmente) os fenômenos observáveis da vida humana.¹⁶ A Psicanálise, escreve Freud,

Recomendou abandonar a infecunda oposição entre momentos externos e internos, destino e constituição, ensinando-nos que a causa de uma neurose se encontra, por regra geral, em uma determinada situação psíquica que pode produzir-se por diversos caminhos (Freud, 1912b, p. 245).

3. Considerações finais: a permanente luta “indivíduo civilizado” e “exigências da coletividade”

Pode-se dizer, posto isso, que é no contexto da vida cultural e sob as influências da educação e das exigências sociais que o *conflito* (sufocação “aparente” do pulsional) representa o movimento de uma “inibição interna” e de uma “paralisação externa”, traduzíveis pelo seguinte esquema: exigências culturais — repressão aparente das pulsões e progressivo fracasso — grande gasto de forças — empobrecimento interior — empobrecimento exterior (ou perda considerável da energia disponível do caráter).¹⁷ Esse esquema dos efeitos nocivos de uma moral sexual cultural (normativa) pode ser resumido pela seguinte afirmação de Freud: “A experiência ensina que para a maioria dos

¹⁶ Cf. Freud, 1912a.

¹⁷ Cf. Freud, 1908, pp. 171 e 175.

seres humanos existe um limite para além do qual sua constituição não pode obedecer a exigência da cultura” (Freud, 1908, p. 171).

Ora, dominar uma poderosa moção, como a pulsão sexual, sem promover a satisfação (ou alguma forma de satisfação), pode fracassar frente ao nível de abstinência e limitação imposta pela vida cultural (daí se pensar na satisfação substitutiva neurótica na forma de sintomas). Mais uma vez, o circuito desprazer — busca de satisfação — estado de desamparo — auxílio externo — prazer, se interpõe no movimento da estruturação de uma vida psíquica.

É o que se procurou trabalhar aqui (ainda que de forma reduzida e incompleta), ou seja, apontar alguns caminhos possíveis para se pensar nessa interdependência interno-externo a partir da condição fundamental do fenômeno humano: a espiral desamparo — realidade — satisfação — desamparo (*Motorische Hilflosigkeit, Psychische Hilflosigkeit*) na busca, no desejo e na aspiração por proteção — e isso desde a experiência do bebê com o seio da mãe.

É a partir de estímulos variados que a tensão “mundo interno-mundo externo”, numa gama de múltiplas e inevitáveis sensações de dor-prazer, desprazer-prazer e de ações musculares adequadas — e sob o imperativo do princípio de prazer (das reivindicações de felicidade) — que a estrutura psicofisiológica entra em conflito “com o mundo inteiro” (sofrimento, ameaça, morte, doença, não satisfação, desamparo, vontade individual *versus* vontade da massa) no seio das estruturas da realidade objetiva (do mundo investido de *atenção*).

É nesse quadro que se instaura a permanente luta do indivíduo civilizado (aculturado) com a coletividade (com os imperativos do grupo e com a própria estrutura cultural do mundo): esse ponto nos recordará a observação de Freud sobre a “íntima relação de todas as nossas instituições culturais e a dificuldade de modificar um fragmento delas sem considerar o conjunto” (*ibid.*, p. 175), pois é “impossível levar adiante uma reforma isolada sem alterar as bases do sistema” (*id.*, 1907, p. 121).

Trata-se, traduzindo esse contexto no universo de “O mal-estar na cultura”, de buscar a felicidade mergulhado nas comunidades culturais (com suas imposições), na luta entre *Eros* e *Ananké* num permanente esforço para impor o *Eros* na luta contra o seu igualmente imortal adversário.¹⁸ O princípio de prazer se estende às estruturas da realidade circundante, de maneira que “A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas que, à primeira vista pode parecer muito substancial, perde boa parte de sua nitidez se a considerar mais a fundo” (*id.*, 1921, p. 67). Encontrar-se-á, por consequência, a situação do homem para além de um “indivíduo biológico”, ou seja, na perspectiva de um indivíduo que se produz na dimensão de um “tempo socializado” e de um “campo de socialização da subjetividade” — e é nesse contexto freudiano do vínculo “individual-social” que o leitor interessado pela psicanálise poderá se aventurar.

18 Cf. Freud, 1930, p. 140.

Referências bibliográficas

As obras de Freud estão citadas na Edição da *Amorrortu editores* das Obras Completas de Sigmund Freud, 24 vols., Argentina, 1992 e anos seguintes:

- FREUD, S. (1992). *Sobre la versión castellana*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- _____. [1888]. *Histeria*. Volume I.
- _____. [1895]. *Projeto para uma psicologia científica*. Volume I.
- _____. [1896a]. *Carta 52*. Volume I.
- _____. [1896b]. *Manuscrito K*. Volume I.
- _____. [1897]. *Manuscrito N*. Volume I.
- _____. [1899]. *Carta 105*. Volume I.
- _____. [1905]. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Volume VII.
- _____. [1907]. *O esclarecimento sexual das crianças*. Volume IX.
- _____. [1908]. *A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna*. Volume IX.
- _____. [1912a]. *Sobre a Dinâmica da Transferência*. Volume XII.
- _____. [1912b]. *Tipos de adoecimento neurótico*. Volume XII.
- _____. [1913]. *O Interesse da Psicanálise*. Volume XIII.
- _____. [1915a]. *A Desilusão provocada pela Guerra*. Volume XIV.
- _____. [1915b]. *As pulsões e seus destinos*. Volume XIV.
- _____. [1921]. *Psicologia das massas e análise do eu*. Volume XVIII.
- _____. [1927]. *O Futuro de uma Ilusão*. Volume XXI.
- _____. [1930]. *O mal-estar na cultura*. Volume XXI.
- AVENBURG, R. (1975). *El aparato psíquico y la realidad*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.
- BEZERRA JR., B. (2013). *Projeto para uma psicologia científica: Freud e as neurociências* [Coleção Para Ler Freud]. RJ: Civilização Brasileira.
- GABBI JR., (2003). O. F. *Notas a projeto de uma psicologia: As origens utilitaristas da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- GREEN, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora.
- LACAN, J. (2008). Seminário, livro II: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1995). Seminário, Livro 4: *a relação de objeto*. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar.

- LAPLANCHE, J. et PONTALIS, J-B. (1998). *Vocabulário da psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- PEREZ, D. O. (2015). *O Inconsciente: onde mora o desejo* [Coleção Para Ler Freud]. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- RICOEUR, P. (1977). *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*. Tradução Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- TAVARES, P. H. (2015). “Sobre a Tradução do vocabulário Trieb”. In: FREUD, S. *As pulsões e seus destinos*. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora.